



HAL
open science

Histórias culturais transatlânticas. Apresentação

Gabriela Pellegrino Soares, Anaïs Fléchet, Olivier Compagnon

► **To cite this version:**

Gabriela Pellegrino Soares, Anaïs Fléchet, Olivier Compagnon. Histórias culturais transatlânticas. Apresentação. Revista USP, 2019, Histórias culturais transatlânticas, 123, pp.9-12. 10.11606/issn.2316-9036.v0i123p9-12 . halshs-03779372

HAL Id: halshs-03779372

<https://shs.hal.science/halshs-03779372v1>

Submitted on 16 Sep 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



histórias culturais transatlânticas

Apresentação

O dossiê que organizamos para a **Revista USP** traz alguns resultados do projeto de cooperação internacional Transatlantic Cultures. Cultural Histories of the Atlantic World 18th – 21st Centuries, financiado pelas agências Fapesp e ANR (Agence Nationale de la Recherche)¹. O projeto volta-se à construção de uma plataforma digital, de livre acesso, reunindo narrativas sobre as dinâmicas de circulação cultural que, na época contemporânea, entrelaçaram regiões do espaço atlântico. A plataforma, em fase de experimentação, está baseada na Digital Humanities open platform – TGIR Huma-Num –

vinculada ao CNRS (Centre National de la Recherche Scientifique), na França. Ao lado das equipes brasileira e francesa que compõem o Comitê Editorial, contamos com uma extensa rede de colaboradores, de diferentes países e instituições, convidados a escrever sobre seus temas de pesquisa em uma perspectiva que ilumine a importância dos intercâmbios transnacionais na própria constituição do objeto.

As abordagens desenvolvidas dialogam com correntes hoje em voga no campo da história – as chamadas histórias conectadas, a história transnacional, a história global – que compartilham a crítica aos tradicionais enquadramentos eurocêntricos e desafiam o historiador a explorar novos ângulos de análise e a observar, em meio a tramas de poder profundamente desiguais, as relações multidirecionais constitutivas da modernidade².

Nesse projeto, quisemos fazer da observação do espaço atlântico, a partir de fins do

1 O projeto também recebeu o apoio do France Berkeley Fund (2015-2016), do Idex Paris Saclay (2017) e da Maison des Sciences de l'Homme Paris Saclay (2018). Informações adicionais podem ser encontradas no blog <https://tracs.hypotheses.org>.

2 Olivier Compagnon, Anaïs Fléchet e Gabriela Pellegrino Soares, "Écrire une histoire culturelle transatlantique (XVIIIe-XXIe siècles): enjeux, défis et méthodes", in *Diogène*, n. 258-259-260, Paris, PUF, 2017.

século XVIII, um laboratório para capturar processos de mundialização e globalização cultural³. Processos de mundialização e globalização marcados por linhas de força econômicas e políticas, mas nos quais a Europa e, em seguida, os Estados Unidos, não são vistos como locomotiva de transformações em escala universal. A descentralização do olhar sobre esses processos tem permitido aos historiadores colocar em xeque a ideia dicotômica de centro e periferia, em que à periferia se reserva o lugar da “sala de espera” do progresso, refém de uma concepção unívoca da história, para sublinhar o papel dos diferentes espaços que, sincronicamente articulados, conformam as múltiplas temporalidades modernas⁴.

Os resultados dessa empresa coletiva são apresentados na forma de ensaios analíticos relativos aos saberes, às práticas, aos atores e aos objetos culturais que circularam ou nasceram no seio do espaço atlântico. Nosso objetivo não é traçar um panorama exaustivo desses intercâmbios – o que, naturalmente, seria impossível –, mas propor uma reflexão crítica sobre as circulações e a mundialização cultural, assim como sobre os processos identitários e as fronteiras (políticas, linguísticas, culturais e simbólicas) que contribuíram para o estabelecimento e a renovação dos grandes ares culturais no transcorrer dos últimos séculos.

3 Serge Gruzinski, *Les quatre parties du monde. Histoire d'une mondialisation*, Paris, Éditions de la Martinière, 2004; Edmundo O'Gorman, *La invención de la América: el universalismo de la cultura de Occidente*, México D. F., Fondo de Cultura Económica, 1958.

4 Dispeh Chakrabarty, *Provincializing Europe: postcolonial thought and historical difference*, Princeton, Princeton University Press, 2000. Registramos ainda a referência do importante livro de Gilbert Joseph, Catherine Legrand e Ricardo D. Salvatore, *Close Encounters of Empire: writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations* (Durham, Duke University Press, 1998), que postula deslocamentos do olhar para o tema imperialismo nas relações interamericanas.

Com as abordagens desenvolvidas, é também uma ampliação da história atlântica que almejamos contemplar. Uma ampliação no tempo, em primeiro lugar, contra a visão dominante de uma história atlântica que se limita à época moderna, centrada na colonização das Américas. Em segundo lugar, uma ampliação no espaço, contra um recorte tradicional que privilegia o Hemisfério Norte. Pois é a totalidade do espaço atlântico que temos como horizonte, com seus múltiplos espaços de circulação: o Atlântico Norte, o Atlântico Sul, o *carrefour* caribenho e o espaço euro-latino-americano, entre outros eixos de análise.

Os ensaios reunidos assumem a crítica ao conceito de influência e a opção pelo conceito de “apropriação” cultural, reconhecendo os exercícios ativos de filtro, ressignificação e reelaboração nas instâncias de recepção de ideias, de concepções e linguagens culturais, mesmo em contextos de profundas assimetrias políticas e econômicas e em relações marcadas pelo imperialismo cultural. Por fim, os ensaios voltam-se à atuação dos mediadores culturais, os *passeurs*, que, inseridos em seu tempo e em correlações de poder mais amplas, delineiam caminhos de apropriação e de projeção cultural a partir de diferentes pontos da trama⁵.

Neste dossiê, contamos com seis artigos de pesquisadores brasileiros, membros da equipe ou colaboradores do projeto. Procuramos lançar luz sobre parte dos domínios

5 Scarlett O'Phelan Godoy e Carmen Salazar-Soler (eds.), *Passeurs, mediadores culturales y agentes de la primera globalización en el Mundo Ibérico, siglos XVI-XIX*, Lima, Pontificia Universidad Católica del Perú/Instituto Riva-Agüero/Instituto Francés de Estudios Andinos, 2005. Essa reflexão foi desenvolvida também em: Gabriela Pellegrino Soares, *Escrita e edição em fronteiras permeáveis. Mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina, século XIX e primeiras décadas do XX*, São Paulo, Intermeios, 2017.

temáticos que a plataforma engloba – os *frameworks*, voltado às nossas ferramentas conceituais de trabalho, ao lado das seções Intelectuais, Música e Cinema.

O dossiê abre-se com a contribuição de Luiz Felipe de Alencastro, “As três eras do Atlântico Sul”. Escrito originalmente em francês e traduzido por Mariana de Moraes Silveira, o texto discute as especificidades históricas do espaço sul-atlântico com base em três períodos. O primeiro deles inicia-se com a chegada de Pedro Álvares Cabral à costa sul-americana, em 1500, e se estende até meados do século XIX, com o fim do tráfico bilateral de escravos entre o Brasil e a África (1850) e a abertura do Canal de Suez (1869). A inauguração de Suez impactou as rotas de navegação e afirmou a “supremacia do Atlântico Norte sobre o conjunto do oceano, levando ao desaparecimento do sistema sul-atlântico”. Esse ambiente configura o segundo período analisado. Um terceiro período é observado a partir das independências das nações africanas e, ainda, do fim do *apartheid* na África do Sul (1991-1994), acontecimentos que favorecem a reemergência dos laços sul-sul no Atlântico, “em um cenário internacional radicalmente modificado pela afirmação política e econômica dos países da África Subsaariana”. Alencastro lança luz, nessa época recente, sobre os laços com o continente africano fomentados, no Brasil, pelos governos do PT. O artigo explora a dimensão cultural das conexões sul-atlânticas, embora se centre, fundamentalmente, na construção do conceito espaço-temporal.

Na sequência, encontramos o texto de José Luis Bendicho Beired, “Fernando Ortiz e a rede transatlântica de intercâmbios”. Intelectual cubano de extraordinária relevância, Fernando Ortiz (1881-1969) é especialmente co-

nhecido pelo conceito de “transculturação”, que cunhou no livro *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*, publicado pela primeira vez em 1940. José Luis Beired enfoca a trajetória do pesquisador, iluminando suas contribuições pioneiras para o estudo da população negra em Cuba, no campo da história e da cultura. A obra e as redes acadêmicas cultivadas por Ortiz transbordaram, em muito, o espaço cubano.

Passamos ao ensaio de Marcos Napolitano, “Cartografias transatlânticas da música popular nas Américas”, produzido como um instigante texto piloto para o projeto franco-brasileiro. O texto percorre territórios da história da música popular em que se captura a circulação e a reinvenção de instrumentos, ritmos e sonoridades. Em particular, o autor coloca em evidência apropriações musicais africanas e europeias (sobretudo ibéricas) nas Américas.

Em “Música de concerto no Brasil: o modernismo musical e suas circulações transatlânticas”, André Egg aborda o movimento de caráter vanguardista associado a duas grandes figuras da Semana de Arte Moderna: Mário de Andrade (1893-1945) e Heitor Villa-Lobos (1887-1959). Embora a ideia de brasilidade estivesse no cerne do movimento e da memória que se construiu sobre o mesmo, o artigo objetiva demonstrar a importância da circulação internacional “de ideias e pessoas” no processo que deu corpo, a partir dos anos 1920, ao projeto modernista no universo da música.

“Sarah Maldoror, uma cineasta na diáspora”, de Alessandro de Sousa e Silva, analisa a obra da diretora nascida em Guadalupe, nas Antilhas, no ano de 1939. Embora tenha estudado na Rússia e sua carreira se desenrolasse na França, Maldoror fez da África, da denúncia à violência colonial em meio às guerras de

independência e da afirmação da negritude, dimensões fundamentais de sua produção. Seus documentários voltaram-se também ao retrato da vida de pensadores e artistas, como do poeta como ela franco-caribenho, mas nascido na Martinica, Aimé Césaire (1913-2008).

Encerramos o dossiê com o artigo “O cinema em perspectiva transatlântica: práticas históricas e culturais nas exposições universais”, de Eduardo Morettin, no qual se identificam dimensões que conformam a circulação transnacional do cinema. Pelo prisma das exposições universais, o autor desdobra a narrativa sobre diferentes vetores de mediação envolvidos no processo – da circulação de filmes, textos e teorias aos intercâmbios institucionais, ao papel dos agentes e aos es-

paços de sociabilidade e consumo. No primeiro plano, a narrativa se detém na circulação das representações que inundam a tela, os olhos e, na esteira dos avanços técnicos, tão logo os ouvidos do público.

Esperamos que o dossiê desperte nos leitores o interesse em explorar, no futuro próximo, outras rotas de navegação na plataforma Transatlantic Cultures.

Gabriela Pellegrino Soares
(Universidade de São Paulo)

Anais Fléchet
(Université Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines)

Olivier Compagnon
(Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3)